

Suzana Velasco

Com luz baixa sobre as paredes vinho e verde musgo, a Galeria Laura Alvim se transformou num gabinete de curiosidades, às vezes cômico, às vezes macabro, com vitrines que parecem guardar tesouros de outros tempos. A estranheza ao se entrar no espaço é reforçada quando se sabe que o artista plástico Vik Muniz é o criador daquelas peças, totalmente diferentes de sua famosa obra em fotografia. Juntas, elas formam a exposição "Relicário", que a galeria inaugura hoje, às 19h, com curadoria de Ligia Canongia.

— Um assistente meu entrou aqui e perguntou qual era a minha obra — conta Vik, rindo. — Não parece uma exposição de um artista só.

De perto, percebe-se que, apesar de esteticamente distintos não só entre si, mas também das fotografias que tornaram Vik um fenômeno mundial, os objetos carregam o mesmo princípio que elas: a ilusão do olhar. A bola está murcha, mas é de bronze. O aparente fóssil é um antigo motor de motocicleta. Os fetos guardados em formol são bonecos em vidros. A flor que perde suas pétalas é de tecido.

Alguns dos objetos integraram a primeira exposição individual do artista, na galeria Stux, em Nova York, em 1988, e sua primeira mostra no Brasil, dois anos depois, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud, em São Paulo. Outros são execuções recentes de projetos dos anos 80 e 90, que ele não havia realizado por falta de dinheiro ou porque sua obra tomou novos rumos.

— Lembro quando tinha uns 8 ou 9 anos, e meninos faziam fila para entrar num ônibus perto da minha casa. Nenhum que saía podia contar o que tinha visto. Vi um esqueleto de sucuri, um sapo num vidro, insetos secos. Era uma coisa pseudocientífica. Saí desse lugar completamente maluco — conta Vik, que considera esse ônibus o primeiro museu que visitou. — Sempre trato da tensão entre a imagem e o material. Aqui, mexo com o uso dessas peças, confronto a ideia mental que se tem delas

# O gabinete de curiosidades de Vik

Artista expõe obras e projetos dos anos 80 e 90 em exposição que a Laura Alvim inaugura hoje

Fotos de divulgação



JESUS CRISTO, Che Guevara e Paulo Coelho em torradas: ironia

com aquilo que você está vendo. O objeto não é o que se vê.

Este ano, na galeria Fortes Vilaça, em São Paulo, o artista expôs objetos que reproduziam o verso de telas famosas. Mais uma vez, ele lidou com a ideia de autenticidade, presente nas fotografias que recriam ícones da História da arte e da cultura pop, de Monalisa a Frankenstein. Feitas com materiais como açúcar, chocolate e sucata, elas provocam ilusões visuais, que se revelam quando se aproxima das obras. Grande parte dessa produção foi reunida no MAM, em 2009, num estrondoso sucesso de público. Vik conta que teve uma "crise pós-parto" quando a mostra terminou.

Em "Relicário", as obras que causam menos estranheza em relação ao trabalho mais conhecido do artista são as fotos de

flores perfeitas — que o visitante descobre serem artificiais — e a série de borboletas catalogadas como num museu de ciências naturais — todas recortadas de revistas e livros. O artista teve a ideia para esta obra quando sua assistente com fobia de borboletas o viu usando os insetos, mortos, para ilustrar uma capa do "New York Times".

— Ela deu um berro e desmaiou. Fiquei imaginando a história de uma menina que nunca sai de casa e coleciona borboletas das revistas — conta Vik, que deu à assistente a tarefa de recortar os insetos. — É como tentar preservar o simulacro, a experiência midiaticada. Hoje vivemos grande parte da vida pela mídia, temos menos relação direta, tangível com as coisas.

Há um forte tom de ironia por toda a mostra. Ela está no crânio com nariz de palhaço; no sarcófago que imita um *tupperware* (e tem até aba para abrir a tampa); na ampulheta em que o tempo não passa, pois há tijolos no lugar de areia; na enciclopédia britânica (de verdade) reunida num só volume; na roupa de "batismo do monstro", com seis mangas; na "História da iconografia accidental", formada por torradas com os rostos de Jesus Cristo, Che Guevara e Paulo Coelho; no Mickey Mouse cravejado de pregos, com uma faca na mão. É como se o artista risse de si mesmo. E ele ri, ao mostrar as luvas de seis dedos, feitas pela mãe:

— É meu autorretrato. ■



MICKEY MOUSE com uma faca em "Fetiche de pregos"

Mônica Imbuzeiro



VIK MUNIZ entre a ampulheta com tijolos e as fotografias de flores artificiais: "O objeto não é o que se vê"